

## ANÁLISE DA CASUÍSTICA DE ESPOROTRICOSE NA CIDADE DE PELOTAS-RS NO PERÍODO DE 2013-2016

**RODRIGO FRANCO BASTOS<sup>1</sup>, JÉSSICA PAOLA SALAME<sup>2</sup>, ISABEL MARTINS MADRID<sup>3</sup>, MÁRCIA DE OLIVEIRA NOBRE<sup>4</sup>**

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Peloas – rodrigofrancobastos@hotmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – dassi.jessica@hotmail.com*

<sup>3</sup>*Centro de Controle de Zoonoses de Pelotas-RS - imadrid\_rs@yahoo.com.br*

<sup>4</sup>*Universidade Federal de Pelotas – marciaonobre@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

Esporotricose é uma micose causada por fungos do complexo *Sporothrix* capazes de acometer as diferentes espécies, dentre elas os caninos, equinos, felinos e, accidentalmente, o homem (TELLÉZ et al., 2014). O complexo *Sporothrix shenckii*, tido como principal causador da doença, é um fungo dimórfico, geofílico e sapróbio, que se distribui amplamente no solo e matéria orgânica, representando assim um grande risco, pois a principal forma de inoculação do fungo é por via de perfuração da pele através de espinhos ou madeira contaminada, ou ainda, através de mordidas ou arranhões, principalmente dos felinos, caracterizando a mais importante forma de transmissão zoonótica da doença (SCHUBACH et al., 2012).

Essa micose pode se apresentar nas formas cutânea localizada, linfocutânea, linfática ou disseminada, sendo a forma cutânea a mais comumente observada nos felinos (PIRES, 2017), tendo como principais sinais clínicos pápulas nodulares e/ou úlceras com exsudato serosanguinolento ou hemorrágico (JONES, HUNT & KING, 2000) e, na forma disseminada, ainda pode manifestar febre, anorexia e mal-estar (GREENE, 2012). O diagnóstico da esporotricose é obtido através da epidemiologia e sinais clínicos da doença, associado a exames laboratoriais como o exame citológico direto das lesões e/ou histopatologia (BARROS et al., 2011) ou ainda, isolamento e identificação do agente (CHOMEL, 2014). O tratamento das micoses depende da sensibilidade do agente, da forma clínica da doença, extensão e gravidade das lesões, efeitos colaterais e envolvimento sistêmico, sendo os fármacos mais utilizados para o tratamento de esporotricose o itraconazol, iodeto de potássio e fluconazol (NOBRE et al., 2002).

O presente trabalho tem por objetivo analisar o aparecimento de novos casos de esporotricose no município de Pelotas – RS no período de 2013 a 2016.

### 2. METODOLOGIA

O estudo foi desenvolvido a partir de dados sobre casos de esporotricose em caninos e felinos na cidade de Pelotas-RS no período de 2013 a 2016. Os dados foram obtidos do Centro de Controle de Zoonoses (CCZ), órgão vinculado à Prefeitura Municipal de Pelotas, através da solicitação do número dos casos do período por meio de contato com a secretaria do CCZ. Destes, foram segregados os casos atendidos no Hospital de Clínicas Veterinárias da Universidade Federal de Pelotas (HCV-UFPel) através de análise retrospectiva das fichas de atendimento clínico do hospital dentro do período estipulado, onde foram inclusos no estudo os pacientes diagnosticados com a enfermidade.. Os resultados foram expressos em tabela, distribuídos por ano dentro do período estudado e por

número de casos totais notificados ao CCZ e desses, os casos atendidos no HCV-UFPel.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tabela 1. Número de casos de Esporotricose em gatos na cidade de Pelotas-RS no período de 2013 a 2016.

Ano	CCZ	HCV-UFPel
2013	45	21
2014	87	25
2015	97	37
2016	77	24

Durante o período estudado foram notificados 15 casos de esporotricose em cães. Na Tabela 1 estão expressos os resultados obtidos referente à espécie felina. No Brasil, a esporotricose é uma doença considerada endêmica no estado do Rio de Janeiro, onde foi incluída na lista de enfermidades de notificação compulsória por se tratar de uma questão de saúde pública (BARROS et al., 2008). No Rio Grande do Sul, os municípios de Santa Maria e Porto Alegre detém o maior número de casos em humanos, enquanto na região sul, as cidades de Pelotas e Rio Grande possuem maior relação com casos em animais (CCZ, 2017), região essa tida como área de epizootia em gatos (MADRID ET AL., 2011). Nos demais estados da federação a ocorrência dessa micose em cães e gatos é descrita como ocasional (MADRID et al., 2011).

É sabido que os felinos tem papel importante na disseminação da doença, onde a maior ocorrência se dá em gatos machos, não castrados e de vida livre devido aos seus hábitos comportamentais de arranhadura de árvores e escavação do solo no ato de cobrir suas fezes, e também com o seu comportamento territorial e sexual agressivo, favorecendo a disseminação (SCHUBACH et al., 2004), estando clara a necessidade de manter os felinos em ambiente domiciliado sem acesso à rua, evitando assim essa e algumas outras possíveis doenças. Em cães a esporotricose ainda é considerada rara, entretanto, os relatos do aparecimento da mesma estão cada vez mais frequentes (CAFARCHIA, et al., 2007; MADRID et al., 2007).

Pode-se observar na Tabela 1 o aumento gradativo do número de casos da enfermidade até o ano de 2015, onde o maior índice de crescimento foi entre o ano de 2013 e 2014. Essa elevação pode ser sugestiva de um real maior número de novos casos ou de um maior conhecimento de casos já existentes por parte do CCZ, visto que ele é órgão municipal oficial que recebe notificações. Salienta-se ainda que a não obrigatoriedade da notificação dessa zoonose na região pode estar ligada à ocultação de muitos outros casos dessa patologia nos animais, contribuindo negativamente no processo de combate da mesma. Também é válida a ressalva que o HCV-UFPel presta serviços a municípios vizinhos, podendo alguns dos casos mencionados não serem referentes à cidade de Pelotas, porém tal dado não foi analisado no presente trabalho.

Contudo, pode-se observar uma diminuição no número de casos entre os anos de 2015 e 2016, tal achado pode ser resultado frente à campanhas e políticas públicas desenvolvidas para divulgação, controle e prevenção de

zoonoses, incluindo a esporotricose, tornando assim o tema mais palpável ao público e estimulando por sua vez o conhecimento, a notificação, a prevenção e busca por auxílio quando necessário.

Ainda, além do alarmante aumento de casos em animais, um estudo realizado por Madrid et al. (2017) em Pelotas – RS demonstrou que em 2013 eram 9 casos de esporotricose confirmados em humanos, já em 2014 o número aumentou para 17 e em 2015 os dados foram mais alarmantes com 23 casos, reafirmando o caráter emergente da zoonose, caracterizando assim a necessidade de uma maior atenção do sistema de saúde e da população em geral a cerca do controle e prevenção dessa enfermidade, assim como da importância da notificação dessa zoonose por parte de todos os médicos veterinários atuantes na área, para que somente assim sejam tomadas medidas efetivas frente aos casos.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intuito do presente estudo foi salientar que a esporotricose é uma importante zoonose, com número significativo de casos trazidos ao conhecimento público, que exige a constante demanda com a continuidade na conscientização da população acerca do problema e também do apoio governamental, a nível das três esferas, a órgãos como o CCZ que atuam na disseminação de informação à comunidade em geral sobre as zoonoses e suas características, assim como no apoio ao tratamento, controle e profilaxia.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, M.B.L.; SCHUBACH, A.O.; SCHUBACH, T.M.; WANKE, B.; LAMBERT-PASSOS, S.R. An epidemic of sporotrichosis in Rio de Janeiro, Brazil: epidemiological aspects of a series of cases. **Epidemiology & Infection**, v. 136, n. 19, p. 1192-1196, 2008.
- BARROS, M.B.L.; PAES, R.A.; SCHUBACH, A.O. Sporothrix schenckii and Sporotrichosis. **Clinical Microbiology Reviews**, v. 24, n. 4, p. 633-654, 2011.
- CAFARCHIA, C.; SASANELLI, M. T.; LIA, R. P.; CAPRARIIIS, D.; GUILLOT, J.; OTRANTO, D. Lymphocutaneous and nasal sporotrichosis in a dog from Southern Italy: Case Report. **Mycopathologia**, v.163, p.75–79, 2007.
- CCZ, Centro de Controle de Zoonoses. **Zoonoses: Esporotricose**. Pelotas, 08 out de 2017. Online. Disponível em: <http://www.pelotas.rs.gov.br/centro-zoonoses/zoonoses/arquivos/zoonoses-esporotricose.pdf> Acesso em: 07 de outubro de 2017.
- CHOMEL B.B. Emerging and re-emerging zoonoses of dogs and cats. **Animals**, v. 4, n. 3, p. 434-445, 2014.
- GREENE, C. E. **Infectious diseases of the dog and cat**. 4. ed. Saint Louis: Elsevier, 2012. 1376 p.
- JONES, T. C; HUNT, R. D; KING, N. W. **Patologia veterinária**. 6. ed. São Paulo: Manole, 2000. 1415 p.
- MADRID, I.M.; SANTOS JR, R.; SAMPAIO JR, D. P.; MUELLER, E. N.; DUTRA, D.; NOBRE, M.O.; MEIRELES, M.C.A. Esporotricose canina: relato de tres casos. **Acta Scientiae Veterinariae**, v. 35, n. 1, p. 105-108, 2007.

MADRID, I.M.; MATTEI, A.S.; FERNANDES, C.G.; NOBRE, M.O.; MEIRELES, M.C.A. Epidemiological Findings and Laboratory Evaluation of Sporotrichosis: A Description of 103 Cases in Cats and Dogs in Southern Brazil. **Mycopathologia**, v. 173, n. 4, p. 265-273, 2011.

MADRID, I. M.; OLIVEIRA, D. M.; SOUZA NETO, F. M.. Ações de vigilância e controle da esporotricose zoonótica na cidade de Pelotas, estado do Rio Grande do Sul, Brasil. **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP**, v. 15, n. 1, p. 77-77, 2017.

NOBRE, M.O.; MEIRELES, M.C.A.; CAETANO, D.T.; FAÉ, F.; CORDEIRO, J. M. C.; MEIRELES, R. M.; APPELT, C. E.; FERREIRO, L. Esporotricose zoonótica na região sul do Rio Grande do Sul (Brasil) e revisão da literatura brasileira. **Revista Brasileira de Ciências Veterinárias**, v. 9, n. 1, p. 36-41, 2002.

PIRES, C. Revisão de literatura: esporotricose felina. **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP**, v. 15, n. 1, p. 16-23, 2017.

SCHUBACH, T.M.; SCHUBACH, A.; OKAMOTO, T.; BARROS, M.B.; FIGUEIREDO, F.B.; CUZZI, T.; FIALHO-MONTEIRO, P.C.; REIS, R.S.; PEREZ, M.A.; WANKE, B. Evaluation of an epidemic of sporotrichosis in cats: 347 cases (1998–2001). **Journal of the American Veterinary Medical Association**, v. 224, n. 10, p.1623–1629, 2004.

SCHUBACH, T.M.P.; MENEZES, R.C.; WANKE, B. Sporotrichosis. In: GREENE, C.E. **Infectious Diseases of the Dog and Cat**, 4th ed. Saint Louis: Elsevier, 2012. Cap 18, p. 645- 650.

TÉLLEZ, M.D.; BATISTA-DUHARTE, A.; PORTUONDO, D.; QUINELLO, C.; BONNE-HERNÁNDEZ, R.; CARLOS, I.Z. Sporothrix schenckii complex biology: environment and fungal pathogenicity. **Microbiology**, v. 160, p. 2352-2365, 2014.